

Personalizada, descentralizada e verde

INOVAÇÃO

TRATAMENTO

SUSTENTABILIDADE

Índice

Pág. 5 

01. Mais sensibilizados para o cuidado individual da saúde e a melhoria dos hábitos.

Pág. 7 

02. Atenção nos cuidadores e no seu papel para o melhoramento da saúde dos doentes.

Pág. 8 

03. Aumento da pressão sobre a sustentabilidade dos sistemas de saúde.

Pág. 9 

04. Maior transparência e inclusão na investigação clínica.

Pág. 10 

05. Foco One Health: Meio ambiente, animais e saúde humana.

Pág. 11 

06. Orientação empresarial com responsabilidade social: os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e ESG.

Pág. 12 

07. Desestigmatizar as doenças mentais.

Pág. 14 

08. Mais acesso à inovação farmacológica e às tecnologias da saúde.

Pág. 15 

09. Mais e melhores soluções para doenças devastadoras e com poucas opções de tratamento.

Pág. 17 

10. *Big data* e a inteligência artificial para acelerar o desenvolvimento de medicamentos e vacinas.

Pág. 19 

11. Vacinação: tempo para os idosos e as crianças.

Pág. 21 

12. Novas tecnologias para aproximar a saúde do doente.

Imensos desafios e motivos para otimismo

Nos últimos anos, a conversa sobre a saúde alargou-se. Já não identificamos o “sentir-se bem” apenas com o bem-estar físico, mas também com o bem-estar mental e emocional. E, sobretudo, após o início da pandemia de covid-19, passou a incluir fortes preocupações com a sustentabilidade dos serviços de saúde. A pandemia levou a longas listas de espera, atrasos na vacinação para outras doenças, problemas orçamentais nos governos e questões sobre o papel dos cuidadores e o funcionamento das instituições de saúde. Esta situação foi agravada por algumas tendências que já eram evidentes mesmo anteriormente, como o envelhecimento da população, o crescimento da desigualdade económica e o peso de algumas doenças não transmissíveis. Tudo isto conduziu a um fenómeno que se tornou incontornável quando se fala de cuidados de saúde: os serviços de saúde estão sob enorme pressão. E os governos, as instituições, os grupos de doentes, o setor médico e os profissionais em geral terão de encontrar formas imaginativas de corrigir a situação e encontrar a sustentabilidade.

As nossas previsões para 2024 estão fortemente marcadas por esta realidade. Mas são inúmeras e, em muitos casos, esperançosas. Os cidadãos estão cada vez mais conscientes para a necessidade de sensibilização para o autocuidado e os hábitos.

Pouco a pouco, a sociedade está cada vez mais consciente das necessidades dos prestadores de cuidados, que são frequentemente membros da família não remunerados e que, devido ao stress da sua função, são também suscetíveis de adoecer. A investigação clínica está a reconhecer que se



deve refletir o pluralismo da sociedade e incluir as mulheres e as minorias nos seus ensaios, a fim de as servir melhor. Do mesmo modo, em 2024, o setor da saúde aumentará o seu foco no conceito “One Health” —uma conceção que liga a saúde dos humanos à dos animais e do meio ambiente— e nas regras ESG (Meio Ambiente, Sustentabilidade e Gestão), que associam o rendimento das empresas à sua responsabilidade para com todos os stakeholders. Uma das nossas previsões é que o processo de desestigmatização das doenças mentais continuará no decorrer do ano de 2024.

No entanto, um dos impactos mais importantes no setor da saúde, e que continuará a crescer este ano e nos anos seguintes, é a investigação e a tecnologia. Continua a ser um desafio levar os frutos de ambas o mais rapidamente possível ao maior número possível de doentes, mas este ano já veremos o resultado de mais e melhores soluções para doenças cujo tratamento era difícil até este momento, veremos como a big data e a inteligência artificial aceleram o desenvolvimento de medicamentos e vacinas, e veremos como estes dois vetores, a inovação e a tecnologia, convergem para melhorar os cuidados de saúde em geral. As empresas de tecnologia médica já estão a liderar o desenvolvimento de dispositivos avançados, desde pacemakers a monitores de glicose, promovendo procedimentos minimamente invasivos que reduzem as hospitalizações e aceleram a recuperação. A gestão remota de doentes é uma tendência cada vez mais essencial, e a domótica e a robótica permitem automatizar as tarefas domésticas em benefício de pessoas idosas ou com deficiência. Mas as utilizações são muito mais e este estudo identifica muitas outras, juntamente com o resto daquilo que destacámos como as principais tendências de 2024.

No meio dos inúmeros desafios reais e prementes, que envolvem tanto os governos como o setor privado, a saúde está a tornar-se personalizada, descentralizada e a encontrar formas de se otimizar. É esta a nossa ideia central para este Forecast 2024.

“No meio dos inúmeros desafios reais e prementes, a saúde está a tornar-se personalizada, descentralizada e a encontrar formas de se otimizar.”



“83% dos cidadãos, afirma que gostaria de ter um maior controlo sobre a sua própria saúde.”

01. Mais sensibilizados para o cuidado individual da saúde e a melhoria dos hábitos

O inquérito Global Trends 2023 de IPSOS, que identifica algumas das preocupações mais relevantes das sociedades atuais, destaca a importância que continuam a ter os efeitos da pandemia de Covid-19 nos sistemas de saúde de todo o mundo. Verificou-se um aumento da procura de serviços de saúde que, associado ao progressivo envelhecimento da população, conduziu a um aumento das listas de espera e um aumento da preocupação dos cidadãos com o acesso e a qualidade dos cuidados de saúde. Trata-se de uma preocupação que vai crescer e obrigar os governos e as marcas a debaterem melhor a forma como os cuidados de saúde são monitorizados, pagos e prestados.

Neste contexto de sobrecarga dos serviços, uma grande maioria dos cidadãos, 83%, afirma que gostaria de ter um maior controlo sobre a sua própria saúde. Isto

não significa que os cidadãos desconfiem do papel regulador dos governos, que aumentou muito após a pandemia, ou da ciência em geral ou, mais especificamente, das vacinas. Uma grande maioria continua a confiar nestas instâncias para resolver os principais problemas de saúde. Mas, ao mesmo tempo, querem “recuperar o controlo”.

Esta tendência conduziu a um aumento do interesse pelos autocuidados, que a Organização Mundial de Saúde define como “a capacidade dos indivíduos, das famílias e das comunidades para promover a saúde, prevenir doenças, manter a saúde e lidar com as doenças e a incapacidade, com ou sem o apoio de um prestador de cuidados de saúde”. Isto levou a um aumento da procura de informação sobre tratamentos e medicamentos, sobre as políticas públicas relacionadas com a saúde e o consumo

de vitaminas, suplementos alimentares, produtos para o sistema imunitário. Tudo isto é um sinal de que existe uma maior responsabilidade individual pelos cuidados de saúde, o que também inclui o exercício físico.

Um setor em que esta transformação está a ter um maior impacto é o dos produtos e medicamentos de venda livre (OTC, na sua sigla em inglês). De acordo com um inquérito recente da Google, 40% dos consumidores procuram informações sobre produtos OTC on-line antes de fazerem uma compra, seja numa loja física ou on-line, e 13% das pessoas utilizam as redes sociais como uma importante

fonte de informação essencial para conhecer estes produtos. O inquérito também revela que os consumidores procuram informações específicas sobre a utilização e a dose do produto (40%), recomendações e opiniões de outros doentes (39%), informações sobre efeitos secundários e riscos (38%), comparações com outros produtos semelhantes (25%) e informações do fabricante (19%), e que os principais fatores que impulsionam a escolha do canal de distribuição incluem a confiança, a qualidade, a conveniência, a recomendação do farmacêutico, o preço e os estudos disponíveis sobre o produto.

“40% dos consumidores procuram informações sobre produtos OTC on-line antes de fazerem uma compra.”



www.ipsos



www.paho.org

02. Atenção nos cuidadores e no seu papel para o melhoramento da saúde dos doentes

Ninguém conhece melhor o impacto de uma doença do que o doente, a sua família e os seus cuidadores. Estes últimos desempenham um papel crucial no bem-estar dos doentes e prestam apoio emocional, assistência física, coordenação dos cuidados de saúde e supervisão da adesão ao tratamento. Em muitos casos, são familiares não remunerados, informais, embora noutros casos sejam profissionais. Em ambos os casos, contudo, prestam cuidados no domicílio, em hospitais ou outros ambientes de saúde, e o seu papel pode incluir a realização de tarefas diárias como tomar banho, comer ou tomar a medicação, organizar as atividades quotidianas e relacionadas com os cuidados médicos, e tomar decisões de saúde e financeiras. A sua importância foi amplamente analisada e existe já uma literatura médica crescente que aponta para a necessidade de criar programas de apoio ao

seu papel, o que muitas vezes leva ao desenvolvimento de consequências negativas para a saúde. O tempo dedicado a cuidar dos outros implica, de forma direta, que os prestadores de cuidados sejam privados de espaços pessoais dedicados a atividades sociais, de lazer ou de autocuidado, o que é prejudicial para a sua própria saúde física e psicológica. A longo prazo, esta situação também aumenta o dinheiro gasto com questões médicas e o número de doentes de um mesmo agregado familiar. Apesar de tudo isto, existem poucos dados sobre o número real de prestadores de cuidados.

Os Centros de Controlo e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos indicam que 25% dos adultos com 18 anos ou mais precisam de algum tipo de assistência contínua com as tarefas diárias, de forma regular ou diária. O Banco Interamericano de Desenvolvimento também identificou que 25% dos idosos



no México precisam de cuidados informais no domicílio por motivos com implicações a longo prazo, como a presença de doenças crónicas ou situações de incapacidade funcional. Neste último ponto, vários estudos mencionam que a não adesão ao tratamento é um problema em diversas áreas de intervenção médica, como a reumatologia, a cardiologia, a pediatria e a psiquiatria. Esta não adesão torna-se ainda mais transcendente no caso das doenças crónicas, em que a adesão deve ocorrer de forma indefinida. Isto traduz-se numa maior dificuldade em gerir o doente e em atingir os objetivos terapêuticos. Além disso, gera custos de saúde elevados. Tudo isto cria a necessidade de prestar cuidados aos cuidadores e de valorizar o seu papel na melhoria da saúde dos doentes.



www.cdc



blogs.iadb.org



medlineplus.gov

03. Aumento da pressão sobre a sustentabilidade dos sistemas de saúde

A gestão da saúde continua a ser um dos maiores desafios que os Estados enfrentam. Mas não só. O mesmo acontece com outros agentes no setor da saúde, que procuram criar modelos sustentáveis que otimizem os recursos e, ao mesmo tempo, protejam a vida do maior número de pessoas através de uma cobertura tão ampla quanto possível.

No entanto, isto é particularmente difícil atualmente. A pandemia colocou os sistemas de saúde sob enorme pressão e deixou para trás longas listas de espera.

Essa realidade é também agravada por questões de âmbito social: as alterações demográficas que fazem com que a população seja cada vez mais velha —o que gera uma maior necessidade de cuidados integrais e medicamentos—, o aumento das desigualdades sociais, e o peso que implicam as doenças não transmissíveis e os problemas relacionados com a saúde mental, a que os jovens são especialmente suscetíveis. “Os aspetos mentais, emocionais, económicos e de outro tipo —diz o relatório da IPSOS mencionado anteriormente— começam a fazer parte da conversa sobre saúde, alargando a nossa compreensão coletiva do que significa ter ‘boa saúde’. Com isto, a pressão está a aumentar.

Como salientou o programa de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, antes da pandemia registaram-se enormes progressos na melhoria da saúde de milhões de pessoas em todo o mundo, o que permitiu reduzir algumas das causas de morte associadas à mortalidade infantil e materna, e aumentando a esperança de vida. Mas a pandemia e as suas inúmeras consequências fizeram com que os sistemas de saúde que estavam na via da sustentabilidade tivessem tido de ajustar os serviços, os cuidados e os tratamentos a orçamentos mais reduzidos.

Isto acontece num momento em que é imprescindível garantir o acesso aos sistemas de saúde e que sejam universais, equitativos e sustentáveis. É imprescindível que incluam uma perspetiva social e ambiental, mas atualmente muitos dos seus desafios estão relacionados com o aspeto financeiro, que é fundamental a médio e longo prazo.

Consequentemente, é necessário imaginar novas formas de aumentar o investimento nos sistemas de saúde e de os tornar mais eficientes, o que constitui a base de um desenvolvimento económico e social sólido. Uma das vias para tal será a colaboração de agentes como as empresas farmacêuticas, as empresas de tecnologias da saúde, dispositivos médicos e métodos de diagnóstico, que podem estabelecer parcerias com os governos para facilitar o acesso a dispositivos médicos e medicamentos que podem melhorar e prolongar a vida dos cidadãos.



www.ipsos



www.un.org

04. Maior transparência e inclusão na investigação clínica

O guia de boas práticas de 1977 da Food and Drug Administration (Autoridade dos Alimentos e Medicamentos) dos EUA recomendou a exclusão das mulheres em idade fértil dos ensaios clínicos de Fase I e Fase II. A política era tão ampla que recomendava inclusive a exclusão das mulheres que usavam métodos contraceptivos, que eram solteiras ou cujos companheiros tinham sido vasectomizados. A consequência de exclusão das mulheres das primeiras etapas dos ensaios de medicamentos foi a escassez de dados sobre como os medicamentos afetavam as mulheres.

Os protestos não se fizeram esperar. Mulheres ativistas protestaram contra a exclusão das mulheres dos ensaios de medicamentos contra o VIH. E em 1985, um relatório do Grupo de trabalho do Serviço de Saúde Pública recomendou uma investigação a longo prazo sobre como o comportamento, a biologia e os fatores sociais afetam a saúde das mulheres. Em 1993, o Congresso dos EUA redigiu a política de inclusão dos National Institutes of Health (Institutos Nacionais de Saúde) na lei federal através de uma secção da Lei de Revitalização dos NIH de 1993 intitulada “As mulheres e as minorias como participantes na investigação clínica”.

Como dizem os próprios NIH, esta experiência recorda-nos a necessidade de assegurar a diversidade nos ensaios clínicos. Desde então, têm assegurado que as mulheres e as minorias são incluídas em todas as investigações clínicas e que os ensaios são concebidos e realizados de forma a poderem analisar se as variáveis em estudo afetam as mulheres e as minorias de forma diferente dos outros participantes. O custo deixou de ser uma razão aceitável para a exclusão de alguns grupos dos ensaios.

Porque só a diversidade nos ensaios clínicos ajudará a garantir que os medicamentos certos estão disponíveis para proteger e tratar todas as pessoas.



www.un.org



www.ipsos

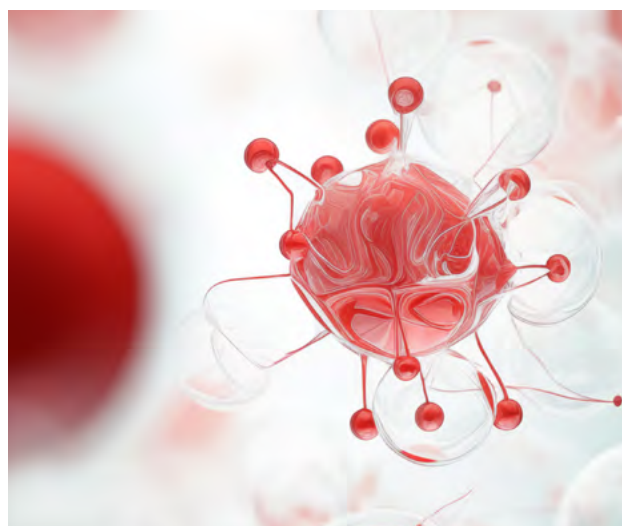
05. Foco *One Health*: Meio ambiente, animais e saúde humana

O conceito de One Health aborda a saúde de forma integral, reconhecendo a interligação entre a saúde humana, animal e ambiental. Este enfoque não é uma ideia recente, mas tem vindo a ganhar terreno e reconhecimento nos últimos anos, e prevê-se que a sua importância continue a aumentar.

No contexto atual, marcado pela expansão da população para novas áreas geográficas, pela recente pandemia de COVID-19 e pelas alterações das condições ambientais —como são a desflorestação e os métodos de cultivo intensivo— é imprescindível implementar uma visão integradora e abrangente de forma a enfrentar os novos desafios no âmbito da saúde mundial.

A saúde humana está intrinsecamente ligada à saúde dos animais e ao meio ambiente. De facto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 60% das doenças infecciosas conhecidas têm origem animal. A zoonose, definida como infeções ou doenças que se transmitem naturalmente de animais vertebrados para os humanos (OMS, 2020) representa um risco crescente. Este perigo não afeta apenas os humanos. Embora a maioria das análises de risco se foque na forma como os agentes patogénicos passam dos animais para as pessoas, é importante destacar que as doenças também podem ser transmitidas de pessoas para animais, causando efeitos significativos na saúde dos mesmos, quer sejam domésticos ou selvagens.

Não obstante, o enfoque de One Health transcende o simples estudo da transmissão de doenças entre



animais e humanos. Esta visão integral também engloba a economia, o meio ambiente e a segurança alimentar. De acordo com a Organização Mundial da Saúde Animal, mais de 20% das perdas na produção animal a nível mundial devem-se a doenças nos animais. Além disso, a interação entre humanos e animais silvestres aumenta quando mais de 25% da cobertura florestal original é destruída. Por outro lado, mais de 75% das pessoas que vivem com menos de 2 dólares por dia, num total de cerca de mil milhões, dependem da agricultura e da pecuária para a sua sobrevivência.

Num mundo em que as fronteiras entre países estão cada vez mais difusas, especialmente em termos de saúde, a colaboração a nível local, regional e global é crucial. A implementação de políticas públicas fitossanitárias e de proteção de animais e humanos é um passo fundamental. Os governos devem conceber estratégias que não abordem só os problemas atuais, mas que também prevejam e mitiguem riscos futuros.



www.woah.org



who.int

06. Orientação empresarial com responsabilidade social: os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e ESG

Existe uma procura crescente para que as empresas considerem o efeito dos seus produtos e serviços no ambiente e na população. A sensibilização social para as questões ambientais, sociais e de gestão está a aumentar e uma grande maioria, em particular os jovens, considera crucial que as empresas se foquem no seu impacto nas pessoas e no planeta, sobretudo no efeito que têm nos seus clientes. Isto também se aplica a todas as empresas ligadas ao setor da saúde e à saúde em geral.

A vertente social da ESG coloca a tónica na relação entre uma empresa e a sociedade em geral, sobretudo com as partes interessadas, como os trabalhadores, os fornecedores, os consumidores, etc. Inclui aspetos sociais que melhoram a qualidade de vida dos trabalhadores, tais como horários de trabalho flexíveis, conciliação da vida profissional e familiar, formação do pessoal e medidas de igualdade de género. Abrange também a colaboração com projetos educativos, culturais ou ONG.

Estes critérios sociais estão diretamente alinhados com a Agenda 2030 das Nações Unidas. Entre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) mais estreitamente relacionados com estes critérios estão o ODS 1 (Erradicação da pobreza), o ODS 3 (Saúde e bem-estar) e o ODS 5 (Igualdade de género), juntamente com várias metas do ODS 8 (Trabalho digno e crescimento económico) e do ODS 10 (Redução das desigualdades). De acordo com a OMS, a saúde mundial está intimamente ligada a fatores de desigualdade social como a etnia, o estatuto socioeconómico ou o género. Por conseguinte, uma abordagem multidisciplinar da responsabilidade social das empresas é fundamental para resolver as disparidades no acesso ao tratamento, à prevenção e aos recursos.



As empresas que se centram em critérios sociais contribuem indiretamente para este objetivo. Por exemplo, ao garantir boas condições de trabalho e ao promover a saúde mental e o bem-estar entre os trabalhadores, as empresas podem ter um impacto significativo na saúde pública em geral. Além disso, a participação das empresas em projetos que visam a pobreza, a educação e a igualdade de género pode ter repercussões sociais mais amplas que beneficiem a saúde pública, tais como a redução do peso das doenças e a melhoria do acesso aos serviços de saúde.

Muitas empresas estão a tomar medidas a esse respeito, mas ainda há um longo caminho a percorrer. A colaboração público-privada é urgente para estabelecer políticas públicas. As empresas devem tomar as ações pertinentes, bem como comunicá-las de forma transparente e coerente, sempre alinhadas com os objetivos de desenvolvimento sustentável ESG definidos pela Organização das Nações Unidas.



pactmundial.org

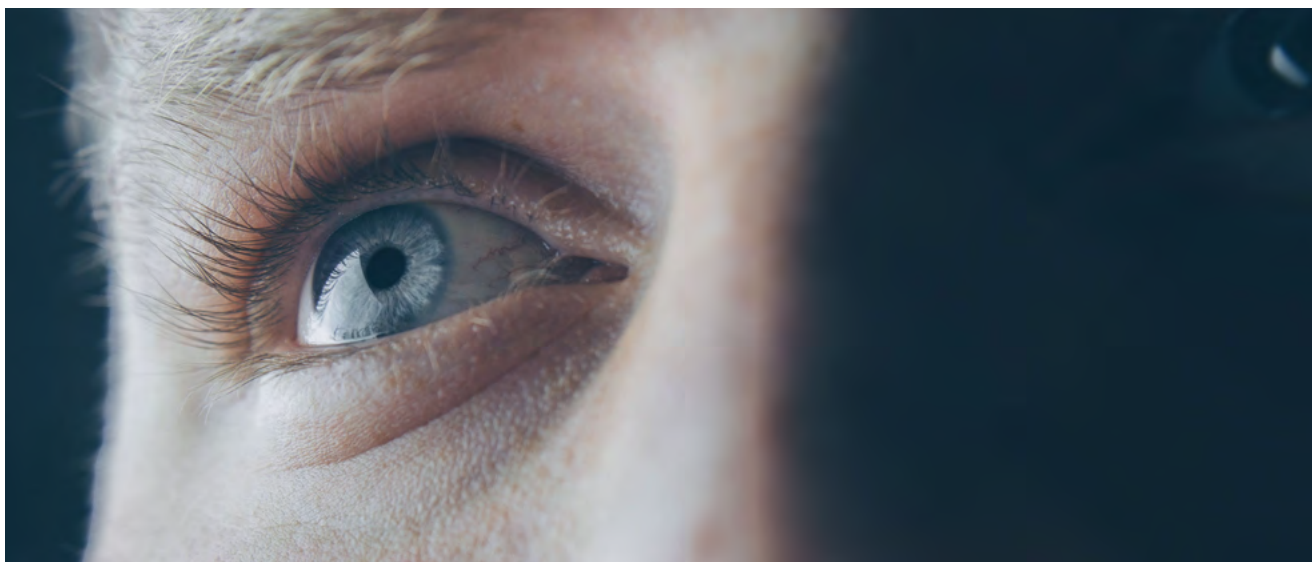
07. Desestigmatizar as doenças mentais

A desestigmatização das doenças mentais tornou-se uma prioridade em termos de saúde pública e de bem-estar social. De acordo com a [OMS](#), em 2019, 1 em cada 8 pessoas sofria de algum tipo de perturbação de saúde mental. Em 2020, com a pandemia, a percentagem aumentou de forma exponencial.

A crise sanitária, associada a outros aspetos determinantes e/ou fatores psicológicos, biológicos, sociais, económicos, geopolíticos e ambientais, como a pobreza, a violência, a desigualdade e a degradação ambiental, faz com que o risco de sofrer de perturbações mentais seja, hoje, mais prevacente do que há alguns anos.

Num mundo globalizado em que os jovens são cada vez mais influenciados pelos avanços tecnológicos, em que a esperança de vida está a aumentar a nível mundial e em que as perturbações mentais se estão a tornar cada vez mais comuns, é essencial abordar a saúde mental a partir de um enfoque institucional, médico e social de forma imperativa e urgente. De acordo com o *American Journal of Public Health*, nunca foi tão importante priorizar a epidemiologia psiquiátrica e a saúde mental pública nas estratégias de tratamento, gestão e prevenção.

A DESESTIGMATIZAÇÃO DAS DOENÇAS MENTAIS TORNOU-SE UMA PRIORIDADE EM TERMOS DE SAÚDE PÚBLICA E DE BEM-ESTAR SOCIAL.



Num mundo globalizado a esperança de vida está a aumentar a nível mundial e as perturbações mentais se estão a tornar cada vez mais comuns.

Do ponto de vista da comunicação, é crucial que em 2024 se mantenham e reforcem os esforços para desenvolver estratégias que abordem a saúde mental. Numa era em que as redes sociais e os meios de comunicação social desempenham um papel cada vez mais influente na formação de opiniões, na autoestima e nos comportamentos, devido à sua inegável ligação com as audiências, é fundamental conceber e implementar planos de comunicação eficazes que evitem a estigmatização do problema e incentivem as pessoas a procurar ajuda.

Estas iniciativas de comunicação podem transformar radicalmente a perceção do público sobre a saúde mental, favorecendo uma conversa

mais aberta e transparente, e ajudando as pessoas que sofrem de perturbações a encontrar o apoio de que necessitam. Especialistas em psiquiatria sugerem que a criação de estratégias de comunicação que combinem histórias pessoais com conversas sobre as barreiras estruturais ao tratamento de doenças mentais pode aumentar a disposição do público em investir no sistema de tratamento. Por isso, é especialmente importante continuar com os esforços para desestigmatizar a doença mental, uma vez que o estigma generalizado está diretamente relacionado com um menor apoio a muitas políticas concebidas para beneficiar estes grupos.



[who.int](https://www.who.int)



www.ncbi.nlm.nih.gov



ps.psychiatryonline.org

08. Mais acesso à inovação farmacológica e às tecnologias da saúde

Com orçamentos cada vez mais reduzidos para os sistemas de saúde, o acesso à inovação farmacológica continuará a ser um desafio para milhões de doentes, especialmente nos países em desenvolvimento.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o acesso equitativo aos medicamentos e a outras tecnologias da saúde é um requisito para o acesso universal aos serviços de saúde e constitui uma prioridade mundial a considerar de acordo com o princípio que reconhece o nível de saúde mais elevado possível para todos.

A OMS reconhece a necessidade de estabelecer quadros regulamentares adequados para a introdução da inovação e que os custos representam, sem dúvida, um desafio para os sistemas de saúde.

A Federação Latino-americana da Indústria Farmacêutica (FIFARMA) realizou análises sobre a disponibilidade e o tempo de acesso à

inovação farmacológica de 18 medicamentos para oncologia e doenças raras. O acesso à inovação, constatou, é muito baixo, com uma média de 13%. No que diz respeito ao tempo, foi contabilizado o período decorrido desde que a FDA dos EUA, ou a Agência Europeia de Medicamentos, aprova um medicamento e o tempo que o mesmo demora a chegar a alguns países da América Latina. O tempo varia de 94 dias na Argentina a 1672 dias no Chile. No México, o tempo médio é de 1371 dias.



O tema do acesso a medicamentos e a tecnologias da saúde inovadoras continuará a ser objeto de discussão e análise entre os decisores dos governos, instituições hospitalares, seguradoras, indústria e grupos de doentes. Será necessário um pensamento colaborativo em que todas as partes possam propor ações que vão desde a regulamentação até ao valor e ao custo da inovação. As empresas que investigam e desenvolvem a inovação consideraram modelos de acesso inovadores para ajudar os governos a tomar decisões sobre a inclusão de medicamentos e tecnologias da saúde nos sistemas de segurança social, e os governos terão de continuar a rever e a atualizar o quadro regulamentar. No entanto, o mais importante será colocar o doente no centro das decisões e fazer chegar esta inovação o mais rapidamente possível àqueles que dela possam necessitar para melhorar e cuidar das suas vidas.



amiif.org



who.org



paho.org

09. Mais e melhores soluções para doenças devastadoras e com poucas opções de tratamento



A medicina personalizada é um dos mais importantes avanços na investigação farmacológica e mostra como a indústria biofarmacêutica e a comunidade médica e científica prosperaram na conceção de tratamentos específicos para cada doente, como o da sequenciação dos tratamentos: combinando os mais normalizados, como a quimioterapia e a radioterapia, com os novos como a imunoterapia (que tem grande evidência científica) e acrescentando os inovadores, como as terapêuticas genéticas e celulares, para assim obter melhores resultados para os doentes.

Estes tratamentos são complexos e dispendiosos e requerem vontade e esforços coordenados para garantir que as vantagens terapêuticas e os riscos associados são compreendidos e, sobretudo, que chegam aos doentes o mais rapidamente possível.

O Dr. Santiago Roura Ferrer, professor associado da Faculdade de Medicina da Universidade Central da Catalunha, num artigo publicado na revista Conversation, refere-se a esta terapêutica como “uma tecnologia revolucionária que permite que as células imunitárias chamadas células T ou linfócitos T sejam extraídas e reprogramadas em laboratório para encontrar e destruir de forma específica as células cancerígenas depois de serem novamente infundidas no mesmo doente”.

De acordo com o especialista, o procedimento baseia-se, em primeiro lugar, na colheita de glóbulos brancos do sangue do doente através de um procedimento totalmente automatizado, atualmente designado por leucoferese.

A COMUNIDADE MÉDICA E CIENTÍFICA PROSPERARAM NA CONCEÇÃO DE TRATAMENTOS ESPECÍFICOS PARA CADA DOENTE, COMO O DA SEQUENCIAÇÃO DOS TRATAMENTOS: COMBINANDO OS MAIS NORMALIZADOS, COMO A QUIMIOTERAPIA E A RADIOTERAPIA, COM OS NOVOS COMO A IMUNOTERAPIA (QUE TEM GRANDE EVIDÊNCIA CIENTÍFICA) E ACRESCENTANDO OS INOVADORES, COMO AS TERAPÊUTICAS GENÉTICAS E CELULARES.

As células T são depois separadas e enviadas para o laboratório, onde são modificadas agregando o recetor quimérico de antigénios CAR. Este recetor ajuda as células T autólogas a ligarem-se a um antigénio específico das células cancerígenas, um passo fundamental que transforma as células T em células CAR-T.

Por último, as CAR-T assim originadas multiplicam-se num processo que pode demorar várias semanas até alcançar o número necessário para cada tratamento. O facto crucial em todo este desenvolvimento é que, como cada tipo de cancro apresenta os seus próprios antigénios, os investigadores podem criar um CAR para cada tipo de cancro.

Embora o processo ainda seja complexo, com potenciais efeitos indesejáveis, dispendioso e pouco acessível a todos os doentes que dele necessitam, os avanços na imunoterapia baseada nestas células são surpreendentes; um exemplo dos benefícios da medicina personalizada que se tem revelado eficaz no tratamento de vários tipos de cancro hematológico. Os avanços científicos em medicina surpreendem-nos cada vez mais e cada vez mais os doentes podem salvar ou melhorar a sua qualidade de vida quando sofrem de uma doença que poderia ser considerada incurável. Os avanços continuarão a ser apresentados em congressos médicos durante 2024 e a grande maioria estará direcionada para o tratamento de doenças oncológicas, imunológicas e infecciosas que, até à data, continuam a ser devastadoras e algumas com poucas opções de tratamento.



asco.org



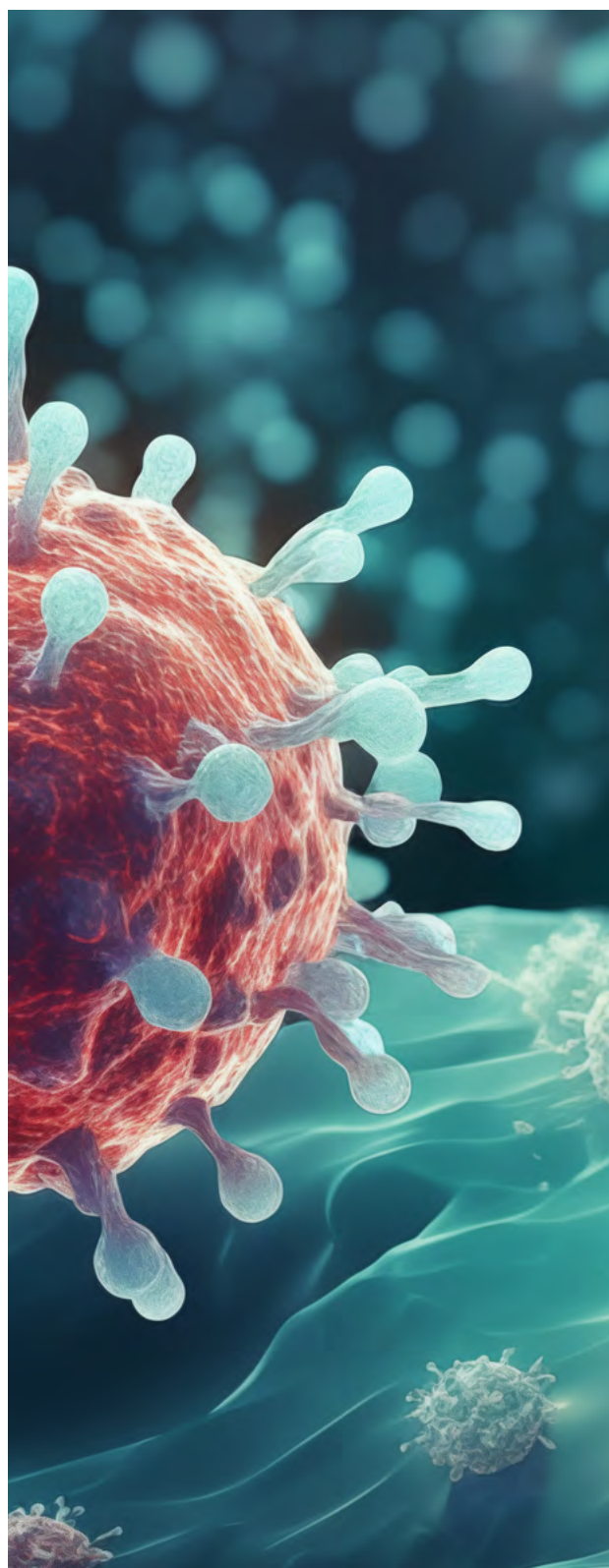
theconversation.com



cancer.org



cancer.org



10. *Big data* e a inteligência artificial para acelerar o desenvolvimento de medicamentos e vacinas

Nos últimos anos, tem-se destacado a importância crucial da *big data* e da inteligência artificial (IA) para o avanço do desenvolvimento de medicamentos e das suas várias aplicações na saúde. Não obstante, será em 2024 e 2025 que esta tendência atingirá o seu verdadeiro apogeu. De acordo com os dados do Statista, o mercado mundial de *big data* relacionado com os cuidados de saúde irá crescer significativamente, passando de cerca de 11,5 mil milhões de dólares em 2016 para quase 70 mil milhões de dólares em 2025.

Apesar da tradicional cautela do setor da saúde em relação às novas tecnologias, as preocupações com a privacidade e a segurança dos dados são ultrapassadas pelos benefícios tangíveis para os doentes e para os sistemas de saúde. Esta mudança de perceção posiciona a tecnologia como um catalisador para otimizar os processos, reduzindo, por exemplo, os prazos de desenvolvimento de medicamentos, que, segundo a [AMIIF](#), envolve investimentos de até 2,6 mil milhões de dólares, com apenas 1 em cada 10.000 compostos a chegar ao mercado.

Esta integração de tecnologias como a IA e a aprendizagem automática promete alterar significativamente estes processos, encurtando os prazos de décadas para 1 ou 2 anos e melhorando a eficiência na identificação de antigénios e na criação de tratamentos eficazes.

As vacinas contra a COVID-19 são um excelente exemplo da forma como o tratamento inteligente de grandes quantidades de dados veio agilizar o desenvolvimento. A identificação de potenciais antigénios, o primeiro passo crucial para uma vacina eficaz, costumava demorar entre 5 e 15 anos. Graças à inovadora tecnologia de vacinologia reversa (RV) introduzida em 2000, este tempo foi reduzido para 1-2 anos. Utilizando a aprendizagem automática (ML) e a inteligência artificial (IA), as ferramentas de RV aceleraram a descoberta e a otimização de novos tratamentos antivirais. Em conjunto, estas tecnologias impulsionaram uma investigação rápida e o desenvolvimento eficiente da vacina contra a COVID-19 e continuarão a ser peças fundamentais para acelerar a investigação nos próximos anos.



“Esta mudança de perceção posiciona a tecnologia como um catalisador para otimizar os processos.”



Assim o confirma o relatório elaborado pela Wellcome “Desbloquear o potencial da IA na descoberta de fármacos”, que destaca um crescimento acelerado na investigação e no financiamento nos últimos cinco anos, especialmente em áreas terapêuticas como a oncologia, a COVID-19 e a neurologia, em países com elevados rendimentos e na China. Destaca também o papel fundamental das empresas de biotecnologia “AI-first” que estruturaram os seus fluxos de trabalho de investigação e desenvolvimento em torno de ferramentas de inteligência artificial.

Outro dos grandes benefícios desta tecnologia reside na criação de diagnósticos precisos e personalizados, a IA processa amplos conjuntos de dados clínicos, identificando padrões e correlações para fornecer tratamentos adaptados à singularidade de cada doente. A prevenção, apoiada pela análise preditiva de *big data*, antecipa os problemas de saúde antes

da sua manifestação clínica, permitindo intervenções precoces e estratégias preventivas.

Assim, no âmbito económico, a aplicação extensiva da análise massiva de dados também verá o seu crescimento num futuro próximo, especialmente para hospitais, seguradoras e centros de saúde, uma vez que este enfoque não só simplifica as tarefas administrativas e clínicas, como também pode aumentar a qualidade dos cuidados médicos, reduzindo os custos, o que é incrivelmente necessário no setor da saúde.



ncbi.nlm.nih.gov



nejm.org



ncbi.nlm.nih.gov

11. Vacinação: tempo para os idosos e as crianças

As vacinas, pilares fundamentais na história da medicina, estão a enfrentar uma crise decorrente da diminuição dos níveis de vacinação causada pela focalização na contenção da pandemia de COVID-19. Esta situação gerou atrasos nos programas de vacinação e afetou particularmente as crianças e deixou os adultos como protagonistas negligenciados na campanha de imunização.

A falta de vacinação nas crianças acarreta riscos graves, desde surtos de doenças evitáveis até a um aumento da mortalidade infantil e custos mais elevados dos cuidados de saúde a longo prazo. A pandemia deixou um número sem precedentes: em 2021, quase 40 milhões de crianças não receberam a sua dose de vacina contra o sarampo, de acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) e dos Centros de Controlo e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos. Esta descida representa um importante retrocesso nos esforços globais para eliminar o sarampo, colocando milhões de crianças em risco de infeção.

No entanto, o foco está agora a deslocar-se para os adultos, que, com o surgimento do movimento anti-vacinas, promovido por uma campanha de boatos que atribuíam às vacinas uma série de efeitos adversos que em caso algum foram comprovados pela comunidade científica, se converteram nos novos protagonistas da vacinação. O Dr. Gregory Poland, líder do Grupo de Investigação de Vacinas da Clínica Mayo, destaca a importância crucial das vacinas para as pessoas idosas, observando que, à medida que envelhecemos, o nosso sistema imunitário enfraquece, o que resulta em infeções mais graves na população idosa. Para tal, a Clínica Mayo está a trabalhar ativamente para adaptar as vacinas de modo a proporcionar uma proteção ótima aos idosos, como as três vacinas contra a gripe, a vacina contra o herpes zóster e a vacina contra a hepatite B, que demonstraram ser mais eficazes do que as vacinas normais para este grupo demográfico.

Por isso, uma comunicação eficaz por parte das autoridades de saúde e da comunidade médica

é crucial para impulsionar a imunização neste grupo, contrariando a desinformação e sensibilizando para a importância de manter as vacinas atualizadas, pois embora estas não garantam uma imunidade total, reduzem significativamente o risco de complicações, garantindo que os idosos possam ter sintomas mais ligeiros e evitar consequências graves como a hospitalização ou a morte.



“Uma comunicação eficaz é crucial para impulsionar a imunização, contrariando a desinformação e sensibilizando para a importância de manter as vacinas atualizadas.”

A iniciativa “A grande atualização”, lançada pela OMS, é apresentada como um esforço alargado para aumentar os níveis de vacinação infantil para os níveis pré-pandêmicos e mais além. Esta iniciativa deve também ser alargada aos adultos, salientando a importância de manter atualizadas as vacinas recomendadas para prevenir doenças evitáveis e servindo para lembrar a responsabilidade coletiva na proteção da saúde pública.

Sem dúvida, a crise na vacinação, exacerbada pela pandemia, exige uma atenção urgente tanto para colmatar o défice na imunização

infantil como para assegurar uma campanha eficaz e orientada para os adultos, que são essenciais para manter a saúde coletiva e evitar a propagação de doenças evitáveis.



ncbi.nlm.nih.gov



paho.org



who.int



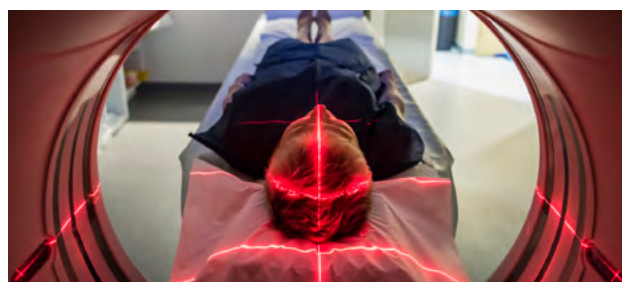
who.int

12. Novas tecnologias para aproximar a saúde do doente

O futuro da saúde reside na convergência da tecnologia e da inovação, impulsionando avanços significativos que melhoram os cuidados de saúde e aproximam a saúde do doente. As empresas de tecnologia médica lideram a vanguarda, desenvolvendo dispositivos avançados, desde pacemakers a monitores de glicose, promovendo procedimentos minimamente invasivos que reduzem as hospitalizações e aceleram a recuperação.

Neste contexto, a gestão remota dos doentes é uma tendência essencial, especialmente nas doenças cardiovasculares. Esta estratégia permite uma monitorização constante e cuidados médicos eficazes à distância eficazes. Por sua vez, as tecnologias de realidade virtual (RV) estão a revolucionar o tratamento da dor, da ansiedade e da perturbação de stress pós-traumático, proporcionando opções de cuidados de saúde que melhoram a qualidade de vida, especialmente para a população mais idosa. A domótica e a robótica complementam esta transformação, automatizando as tarefas domésticas para facilitar a vida dos idosos e das pessoas com deficiência.

No âmbito da telemedicina, o casamento entre Big Data e a inteligência artificial (IA) está a tornar-se indispensável. A recolha de dados dos doentes em tempo real permite a realização de consultas virtuais mais informadas, diagnósticos à distância e acompanhamentos eficazes. Além disso, está a desempenhar um papel crucial na superação das barreiras geográficas e na chegada aos doentes em zonas remotas, facilitando o acesso a cuidados de saúde de qualidade, especialmente relevante nos países em desenvolvimento.



As cirurgias menos invasivas também são protagonistas nesta revolução tecnológica. As técnicas laparoscópicas e robóticas abrem caminho para intervenções cirúrgicas que reduzem o trauma, aceleram a recuperação e melhoram a precisão do procedimento. Estudos demonstram a viabilidade e a segurança da cirurgia remota assistida por robótica, abrindo a porta à disponibilidade global de experiência cirúrgica.

Em paralelo, está a surgir a formação médica contínua através da Internet. Com a crescente utilização global da Internet, com maior cobertura e alcance em comparação com a formação médica tradicional, maior eficiência e um impacto direto na prática clínica, a formação on-line tornou-se num componente essencial para os profissionais de saúde, instituições, seguradoras, governos e promotores.

Este panorama tecnológico projeta um futuro em que os cuidados de saúde serão personalizados, descentralizados e otimizados, proporcionando um acesso mais amplo e eficiente a serviços médicos de qualidade. Estas são tendências convergentes que assinalarão um marco na evolução dos cuidados de saúde e anunciarão um horizonte em que os cuidados de saúde serão redefinidos através da tecnologia.



llyc.global



pubmed.ncbi.nlm.nih.gov



elsevier.es



pubmed.ncbi.nlm.nih.gov



pubmed.ncbi.nlm.nih.gov



CEPAL

AUTORES



GEORGINA ROSELL

Sócia e Diretora Sênior
da Healthcare Europa

grosell@llyc.global



JAVIER MARÍN

Diretor Sênior
Healthcare Américas

jmarin@llyc.global

LLYC IDEAS

Direção Geral

José Antonio Llorente

Sócio Fundador e Presidente
jallorente@llyc.global

Alejandro Romero

Sócio e CEO Global
aromero@llyc.global

Luisa García

Sócia e Chief Operating Officer Global
lgarcia@llyc.global

Arturo Pinedo

Sócio e Chief Client Officer Global
apinedo@llyc.global

Tiago Vidal

Sócio e Chief Talent and Technology
Officer
tvidal@llyc.global

Marta Guisasola

Sócia e Chief Financial Officer Global
mguisasola@llyc.global

Albert Medrán

Diretor Global de Marketing,
Comunicação e ESG
amedran@llyc.global

Marketing

Adolfo Corujo

Sócio e CEO de Marketing Solutions
acorujo@llyc.global

Rafa Antón

Sócio e Diretor Criativo Global
rafa.anton@llyc.global

Jesus Moradillo

Sócio, Diretor-Geral de Estratégia de
Marketing Solutions Europa e
Diretor-Geral Global de Growth &
Transformation
jesus.moradillo@llyc.global

Federico Isunai

Sócio e Diretor-Geral de Marketing
Solutions Américas
federico.isunai@llyc.global

Javier Rosado

Sócio e Diretor-Geral de Estratégia de
Marketing Solutions Américas
jrosado@llyc.global

Corporate Affairs

Jorge López Zafra

Sócio e Diretor-Geral de Corporate
Affairs Europa
jlopez@llyc.global

María Esteve

Sócia e Diretora-Geral de Corporate
Affairs para Latam
mesteve@llyc.global

Gina Rosell

Sócia e Diretora Sênior Healthcare
Europa
grosell@llyc.global

Europa

Luis Miguel Peña

Sócio e CEO Europa
lmpena@llyc.global

Iñaki Ortega

Diretor-Geral Madrid
iortega@llyc.global

María Cura

Sócia e Diretora-Geral Barcelona
mcura@llyc.global

Marlene Gaspar

Diretora-Geral Portugal
mgaspar@llyc.global

Paloma Baena

Diretora Sênior European Affairs e
Next Generation EU
pbaena@llyc.global

América Latina

Juan Carlos Gozzer

Sócio e CEO Latam
jcgozzer@llyc.global

LATAM NORTE

David González Natal

Sócio e Diretor-Geral Latam Norte
dgonzalezn@llyc.global

Mauricio Carrandi

Diretor-Geral México
mcarrandi@llyc.global

Alejandra Aljure

Diretora-Geral Colômbia
aaljure@llyc.global

Michelle Tuy

Diretora-Geral Panamá
michelle.tuy@llyc.global

Ibán Campo

Diretor-Geral República Dominicana
icampo@llyc.global

LATAM SUL

Thyago Mathias

Diretor Regional Latam Sul
tmathias@llyc.global

Flavia Caldeira

Diretora-Geral Brasil
flavia.caldeira@llyc.global

María Eugenia Vargas

Diretora-Geral Argentina
mevargas@llyc.global

Daniel Tittinger

Diretor-Geral Peru
daniel.tittinger@llyc.global

Gonzalo Carranza

Sócio e Diretor-Geral Equador
gcarranza@llyc.global

Juan Cristóbal Portales

Diretor-Geral Chile
juan.portales@llyc.global

Estados Unidos

Darío Álvarez

CEO Estados Unidos
dalvarez@llyc.global

Rebecca Bamberger

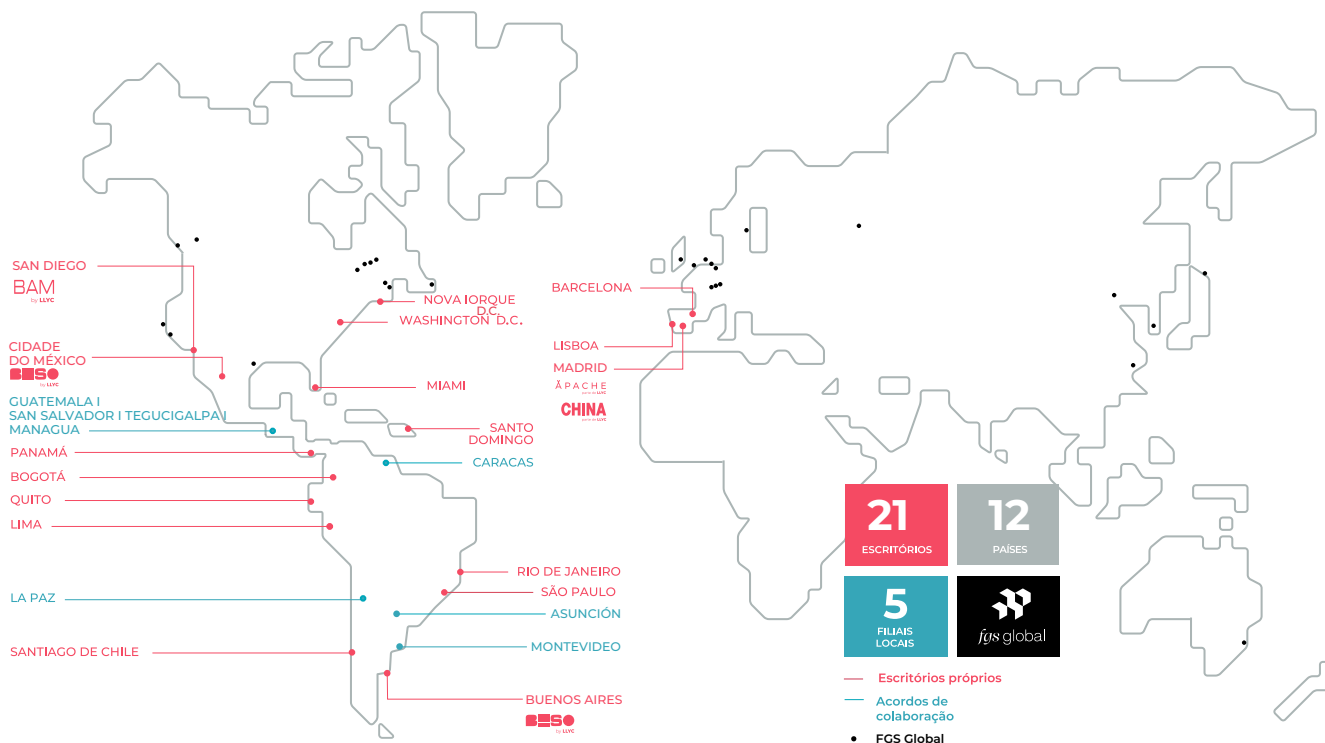
Sócia e Ceo Bam by Llyc

BAM
by LLYC

rebecca@bamtheagency.com

LLYC IDEAS

Escritórios



LLYC

Madrid

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid, España
Tel. +34 91 563 77 22

Barcelona

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona, España
Tel. +34 93 217 22 17

Lisboa

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa, Portugal
Tel. + 351 21 923 97 00

Miami

600 Brickell Avenue, Suite 2125
Miami, FL 33131
United States
Tel. +1 786 590 1000

Nueva York

3 Columbus Circle, 9th Floor
New York, NY 10019
United States
Tel. +1 646 805 2000

Washington D.C.

1025 F st NW 9th Floor
Washington D.C. 20004
United States
Tel. +1 202 295 0178

Ciudad de México

Av. Paseo de la Reforma 412
Piso 14, Colonia Juárez
Alcaldía Cuauhtémoc
CP 06600, Ciudad de México
Tel. +52 55 5257 1084

Panamá

Sortis Business Tower
Piso 9, Calle 57
Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Suite 702, República Dominicana
Tel. +1 809 6161975

San José

Del Banco General 350 metros oeste
Trejos Montealegre, Escazú
San José, Costa Rica
Tel. +506 228 93240

Bogotá

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4
Bogotá D.C. - Colombia
Tel. +57 1 7438000

Lima

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro, Perú
Tel. +51 1 2229491

Quito

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero - Edificio World Trade
Center - Torre B - piso 11
Ecuador
Tel. +593 2 2565820

Sao Paulo

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111
Cerqueira César SP - 01426-001
Brasil
Tel. +55 11 3060 3390

Rio de Janeiro

Rua Almirante Barroso, 81
34º andar, CEP 20031-916
Rio de Janeiro, Brasil
Tel. +55 21 3797 6400

Buenos Aires

Av. Corrientes 222, piso 8
C1043AAP, Argentina
Tel. +54 11 5556 0700

Santiago de Chile

Avda. Pdte. Kennedy 4.700,
Piso 5, Vitacura
Santiago
Tel. +56 22 207 32 00
Tel. +562 2 245 0924

ÀPACHE

parte de LLYC

Arturo Soria 97A, Planta 1
28027, Madrid, España
Tel. +34 911 37 57 92

CHINA

parte de LLYC

Velázquez, 94
28006, Madrid, España
Tel. +34 913 506 508

BESO

by LLYC

El Salvador 5635, Buenos Aires
CP. 1414 BQE, Argentina

Av. Santa Fe 505, Piso 15,
Lomas de Santa Fe,
CDMX 01219, México
Tel. +52 55 4000 8100

BAM

by LLYC

702 Ash Street, Unit 100,
San Diego, CA 92101, US
United States

llyc.global

Forecast Healthcare 2024

INOVAÇÃO

TRATAMENTO

SUSTENTABILIDADE

